

Consórcio de 12 empresas quer comprar Malha Sudeste da Rede

Trecho mais cobiçado pelos investidores tem preço mínimo de R\$ 888,9 milhões

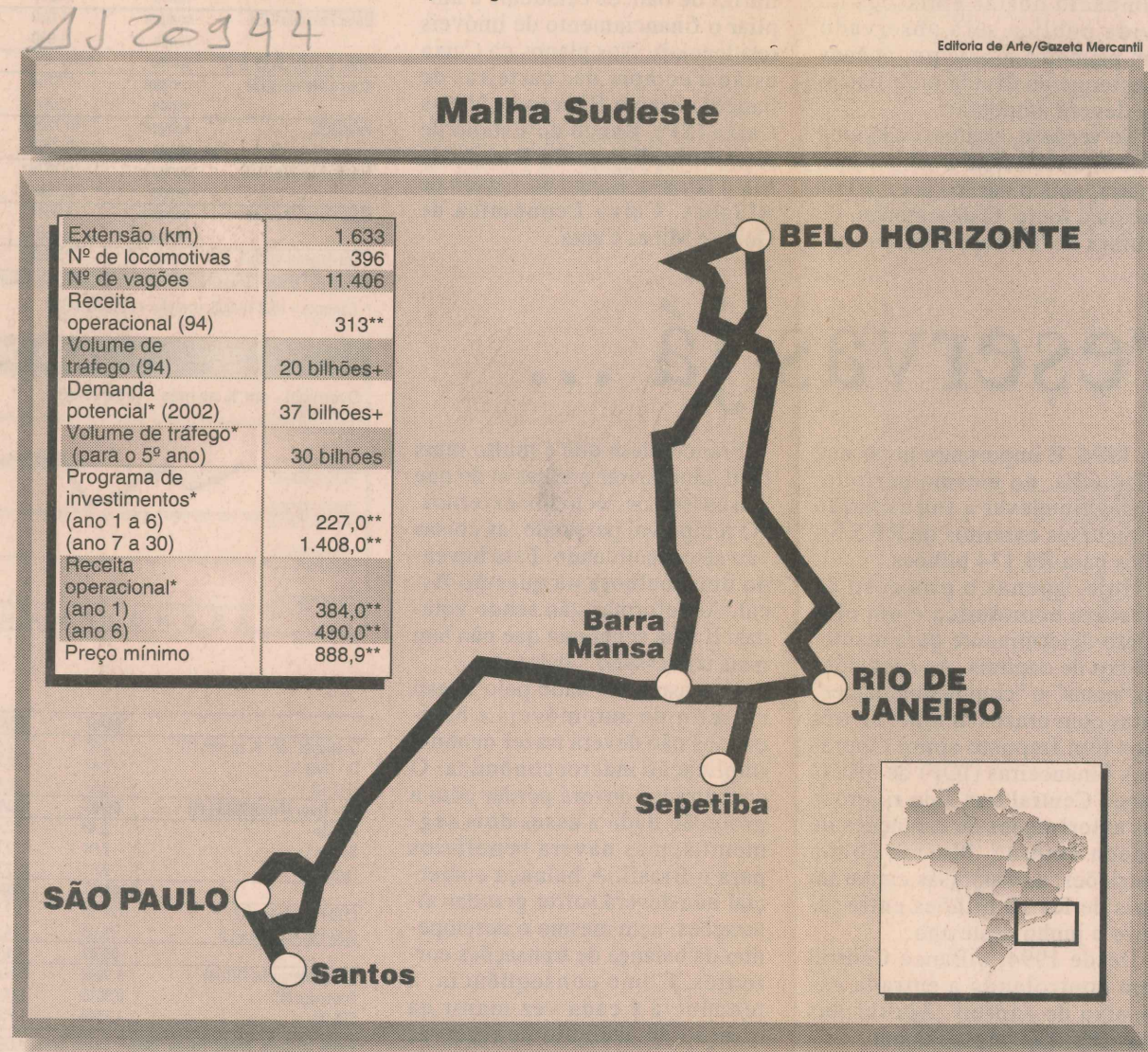
por Vera Saavedra Durão do Rio

O governo publica até quinta-feira o edital de venda da Malha Sudeste da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) dando partida à sua privatização, com leilão já marcado para o dia 20 de setembro, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ). A ferrovia foi avaliada em R\$ 888,9 milhões, dos quais R\$ 266,6 milhões serão pagos a vista e o restante em dezesseis prestações, com um ano de carência, em 29 anos. O prazo de concessão é de trinta anos.

A Sudeste é considerada a mais cobiçada pelos investidores, dentre as seis malhas da Rede, por unir em seus 1.633 quilômetros de extensão as regiões metropolitanas do Rio, São Paulo e Belo Horizonte, as mais ricas do País, integrando-as aos portos do Rio, Sepetiba e Santos. Suas duas superintendências (SR3 e SR4) são as mais modernas por terem "bitola larga" (distância de 1,60 metro entre os trilhos) e a ferrovia ainda conta com a vantagem de faturar R\$ 400 milhões ao ano e apresentar superávit de caixa de R\$ 40 milhões/ano.

A única pendência relevante é um passivo trabalhista de R\$ 150 milhões. Na avaliação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), este passivo deve ser menor até a assinatura do contrato da nova concessionária, pois a maioria dos processos já está correndo na Justiça contra a própria Rede.

Para aquecer a venda da ferrovia, um "road-show" está sendo programado para agosto, em Nova York, com bancos estrangeiros. "Queremos que o mercado internacional conheça melhor a empresa", disse João Neto, diretor e sócio da Máxima Consultoria, responsável pelo serviço de venda da Sudeste. O evento deverá ser



(*) Dados estimados (**) Valores em US\$ milhões (+) Quantidade em TKU

patrocinado pelo Bozano, Simonsen, com assessoria da Máxima.

"O seminário será para investidores financeiros, pois já temos contatos com diversos grupos estratégicos internacionais, como as operadoras americanas CSX, Railtex,

Noel Group e Genesee & Wyoming Industries, interessados no leilão da Sudeste", contou João Neto.

Enquanto os estrangeiros não se decidem ou não revelam seus planos, doze empresas nacionais já costuraram o consórcio "MRS (Minas, Rio,

São Paulo) Logística", encabeçado pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e pela Minerações Brasileiras Reunidas (MBR). O "grupão", como é conhecido, está com "bala na agulha" para disputar a Sudeste no pregão da BVRJ, caso apareça um



MRS Logística

Alvo: Malha Sudeste

Integrantes: Aço Minas Gerais (Açominas), Cia. Siderúrgica Paulista (Cosipa), Cia. Siderúrgica Nacional (CSN), Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas), Grupo Gerdau, Minerações Brasileiras Reunidas (MBR), Ferteco Mineração,

Cia. Vale do Rio doce (CVRD), Cia. Cimento Portland Paraíso, Cimento Cauê, Cimento Mauá, Cimento Tupi, Ciminas, Grupo Votorantim, Matsulfur-Cia. Materiais Sulfurosos, Grupo Lachmann, Construtora Andrade Gutierrez, Construtora Camargo Corrêa, Tora Transportes.

outro interessado na empresa. Mas se considera aberto a conversas com investidores internacionais. "Aguardamos novas conversas com empresas nacionais e estrangeiras que queiram somar esforços neste negócio", disse a este jornal o diretor da MBR, Wanderley Viçoso Fagundes.

Recentemente, o "MRS Logística", que é integrado ainda pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), Ferteco Mineração, Camargo Corrêa, Cosipa, Usiminas, Açominas, grupo Gerdau, as transportadoras Tora, Cesa e Lachman e a cimenteira Soicom, manteve contatos com a americana CSX, operadora especializada no transporte ferroviário de contêineres, com faturamento de US\$ 10 bilhões nos Estados Unidos, mas nada foi fechado.

Armando Guerra, articulador do consórcio, acredita ser possível entendimento com CSX, apesar de a operadora estar insistindo em algumas exigências já feitas na época da privatização da Malha Centro-Leste. "A CSX continua temendo o passivo trabalhista das malhas da Rede e quer operar a empresa." Guerra considera que o consórcio MRS não pode assumir compromissos com ninguém para o dia seguinte do leilão. "Agora, só podemos tratar de questões como investidores. As operacionais serão discutidas pela diretoria da empresa se ganharmos o leilão", ponderou Guerra.

A MBR, bem como a CSN e a

própria Vale, é uma das maiores interessadas em se tornar concessionária da Malha Sudeste por ser uma das suas principais usuárias. "Todo nosso minério de ferro destinado à exportação vai pelo ramal que interliga Belo Horizonte ao Terminal Marítimo que temos na Ilha Guaíba, em Sepetiba", contou Fagundes. A mineradora exporta 24 milhões de toneladas de minério de ferro/ano e fatura US\$ 400 milhões. Seus principais clientes são siderúrgicas japonesas.

O volume de tráfego da malha é de 20 bilhões de TKU (toneladas por quilômetro útil) anuais, com predomínio da carga de minério de ferro. "Este para nós será um negócio estratégico", comentou Fagundes.

Os planos do "MRS" para a ferrovia incluem, primeiramente, investimentos na recuperação de locomotivas e vagões, considerados em mau estado. De acordo com acertos com o governo e exigências do edital, a nova concessionária terá de investir R\$ 227 milhões nos cinco primeiros anos de administração da malha.

O filé mignon destas inversões, porém, será o trecho da SR4, que une o Rio a São Paulo. O diretor da MBR contou que muitas alternativas de transportes poderão ser criadas neste ramal que faz entroncamento com a Ferrovia Paulista S.A. (Fepasa). "Mas, o primeiro passo terá de ser a estabilização do sistema e melhoria dos serviços para seus usuários", afirmou. ■